

Data: 25.09.2023

Titulo: Abrir a educação ao futuro

Pub: **Diário de Notícias**

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Destaque

Pág: 2;13



OPINIÃO HOJE

**António
Sampaio da
Nóvoa**
**Abrir a educação ao
futuro**
PÁG. 13

Área: 623cm² / 30%

Tiragem: 15.750

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7721540



Opinião

António Sampaio da Nóvoa

Abrir a educação ao futuro

A escola é uma invenção notável. Insostituível. A educação é, talvez, a última utopia que ainda nos resta. Liberdade e futuro. Ser livre e aprender novas possibilidades. Não há educação sem capacidade de querer, de "aspirar" (Arjun Appadurai). Como pessoas. Como sociedade. Não se trata de alimentar otimismo ingénuo, mas de respeitar a esperança.

Todos reclamam mudanças na educação. A começar pelos pais. Têm razão. Muitos imaginam uma sociedade sem escolas. Não têm razão. É preciso reinventar a escola sem a destruir, sem a diminuir. A escola na escola é melhor do que a escola digital ou do que a escola em casa (François Dubet).

No âmbito da cátedra UNESCO Futuros da Educação, realizaremos um ciclo extraordinário de conferências com os principais responsáveis das Nações Unidas na área da educação e grandes intelectuais e cientistas. É nossa intenção cumprir sete gestos necessários para pensar a educação num tempo em que a única certeza é a incerteza.

1.º Não basta a coragem de viver, é preciso a coragem de imaginar

Há quem se dedique a fantasias futuristas, alimentadas pela IA ou por outra qualquer tecnologia. A escola seria um facto do passado. No lado oposto, há quem se dedique a defender, por todos os meios, a escola tal qual existe. São duas posições insensatas. Entre estes dois extremos há um espaço imenso para imaginar os caminhos de futuro da escola. Podemos fazer muitas aprendizagens sozinhos. Obviamente. Mas para nos educarmos precisamos dos outros. Mestres e colegas. A escola não é um serviço. É uma instituição. Talvez a única onde ainda é possível tentar uma sociedade convívial, uma humanidade comum. Perder a escola seria abdicar desta possibilidade.

2.º Construir um novo contrato social da educação

A escola pública é uma obra do século XIX. Nasce de um "contrato social" assente na imposição pelo Estado da obrigatoriedade escolar e num "modelo escolar" que gira em torno da "aula" e da "sala de aula". Este "contrato" teve resultados extraordinários na proteção dos menores, nomeadamente na luta contra o trabalho infantil. Mas há ainda muitas promessas por cumprir, a começar por uma "educação de qualidade para todos". No mundo, mais de 10% das crianças e jovens estão fora da escola e cerca de 50% recebem uma educação frágil. A mesma humanidade capaz de combater a pandemia de covid-19 é incapaz de eliminar o vírus da exclusão e do insucesso escolar. Inaceitável. O novo con-

trato social firma-se na defesa dos direitos humanos e da educação como bem público e comum. Para incluir todos na cultura escolar, precisamos de mobilizar o conjunto da sociedade e de construir uma "outra" escola, com um "outro" ambiente educativo.

3.º Para ser transformadora, a educação tem ela própria de se transformar

Talvez "ambiente" seja a melhor metáfora para falar da transformação da escola. Sair da rigidez da "sala de aula". Construir novos ambientes educativos. Não é apenas uma questão arquitetónica. É a abertura de novas possibilidades na organização da atividade e do trabalho de alunos e professores. O futuro já começou. Não por leis ou reformas. "De cima". Mas por experiências e iniciativas concretas. "De baixo". Porém, estas experiências e iniciativas têm pouca visibilidade. Não se conhecem umas às outras. Não se constituem ainda em movimento consistente de transformação. Tenciono realizar uma "viagem pedagógica por escolas de Portugal" para dar notícia de algumas destas realizações. Porque mostram a capacidade de arriscar o futuro. Porque traduzem um "desespero mudo pela ação" (Anísio Teixeira). A liberdade é sempre experimental.

4.º A escola do futuro: autonomia e trabalho

A educação não é apenas um gesto de imersão na cultura e no conhecimento. Nada acontece naturalmente. Tudo é fruto do esforço de professores e alunos. Para que serve a escola? A melhor resposta foi dada por Olivier Rebol: para ser livre e não estar só. Mais importante do que ouvir lições é criar ambientes de trabalho, de estudo, de investigação, de criação, de resolução de problemas, de realização de projetos. É a maneira certa de promover a inclusão, de combater o desinteresse, de envolver todos no processo educativo. A escola do futuro terá como base a cooperação. A sua divisa será "autonomia e trabalho". O seu propósito será que os alunos "aprendam a compreender".

5.º Felizmente há professores: a profissão insubstituível

Muitas profissões vão desaparecer num futuro mais ou menos breve. Não será o caso dos professores. As profissões baseadas na relação humana são insubstituíveis. A educação é um encontro, implica estar face a face, estabelecer vínculos e ligações, construir um destino comum. É muito importante cuidar bem das crianças, mas mais importante ainda é gostar de as ensinar. A colaboração entre professores é fundamental. Nada será conseguido sem a valorização da profissão docente.

É preciso construir um contrato de futuro

com os professores. O que se passa hoje em Portugal é um desastre. Há um ano, o discurso ministerial proclamava que "tudo" era perfeito. O choque da realidade obrigou a mudar o discurso. Agora, o mantra é: "Precisamos de tempo para resolver os problemas." Um governo em funções há quase uma década pede tempo? Quanto? Um século mais? Incompetência.

6.º Uma tragédia ed-tech? A tecnologia não tem o monopólio do futuro

Nas últimas semanas, a UNESCO tem publicado importantes documentos sobre as tecnologias. Refiro apenas o retrato sombrio traçado em *Uma tragédia ed-tech?*, no qual se afirma que o uso das tecnologias tem provocado mais exclusões e desigualdades, devido a modelos de aprendizagem que colocam as máquinas e o lucro antes das pessoas. Sem ignorar alguns aspetos positivos, a UNESCO considera que as tecnologias criam mais problemas do que aqueles que resolvem e avisa que a tecnologia não tem o monopólio da inovação educacional nem do futuro da educação. O ponto principal é um apelo às comunidades educativas para que não se limitem a reagir às mudanças tecnológicas e procurem dar-lhes uma adequada orientação pedagógica.

7.º Publicar o futuro

Este ciclo de conferências pretende "publicar o futuro", dar pública notícia dos debates e realidades que estão a construir o "futuro presente" da educação. Em 2017, António Damásio usou palavras fortes: sem educação maciça os seres humanos vão matar-se uns aos outros. A defesa dos direitos humanos exige coragem. Dos direitos consagrados na Declaração de 1948, mas também dos novos direitos relacionados com o planeta, o digital, o trabalho, as diversidades, as migrações ou a longevidade. A cooperação internacional é imprescindível. Sem coragem não há futuro. Sem liberdade não há educação. Espera-nos o inesperado. O nosso dever de educar é maior do que nunca. Preparar para o desconhecido. Formar para um mundo imprevisível. Fornecer aos alunos um repertório largo de conhecimentos e de qualidades que lhes permitam agir no futuro e sobre o futuro.

Gosto de imaginar um professor que, mesmo com o mundo prestes a acabar, continuaria a educar os seus alunos até ao último segundo. A nossa profissão é diferente de todas as outras. Também na ética, na solidariedade e na relação com o futuro. Talvez este ciclo de conferências pudesse adotar como lema uma frase de Vladimir Jankélévitch: "A liberdade é mais do que livre, é libertadora."

Doutor em Educação e em História, foi embaixador de Portugal na UNESCO de 2016 a 2021, presidente da sessão da Conferência-Geral da UNESCO e titular de uma cátedra UNESCO sobre os Futuros da Educação.



Gosto de imaginar um professor que, mesmo com o mundo prestes a acabar, continuaria a educar os seus alunos até ao último segundo. A nossa profissão é diferente de todas as outras. Também na ética, na solidariedade e na relação com o futuro.